

Notas sobre Marx e ecologia

Na recém-publicada obra *The Robbery of Nature: Capitalism and the Ecological Rift* [O roubo da natureza: capitalismo e ruptura ecológica], John Bellamy Foster e Brett Clark abordaram o espinhoso problema da concepção de natureza para Marx por meio de uma severa crítica a pessoas que, em seus textos, o acusaram de sustentar uma perspectiva antropocêntrica, mostrando o processo social/econômico como parcialmente dependente da dominação do homem sobre o mundo natural¹.

Em uma cuidadosa análise de vários textos marxianos, bem como da bibliografia que Marx consultou a respeito de questões ecológicas, Bellamy Foster e Clark argumentam, ao contrário daquelas opiniões, que Marx tinha uma compreensão profunda do papel essencial da natureza na vida humana e no desenvolvimento capitalista; ele via a natureza como nosso “corpo inorgânico” e considerava a constituição do socialismo a oportunidade de reparar a “ruptura metabólica” que o capitalismo produz, destruindo

¹ John Bellamy Foster e Brett Clark, *The Robbery of Nature: Capitalism and the Ecological Rift* (Nova York, Monthly Review Press, 2020).

a capacidade regenerativa da natureza e, com isso, as bases e as condições físicas de nossa existência².

De forma bastante acertada, Bellamy Foster e Clark demonstram que Marx reconheceu a centralidade da natureza para a reprodução da vida e para a acumulação capitalista. Ele, por exemplo, rejeitou (em polêmica com fisiocratas) a ideia de que a produção capitalista deveria ser considerada a única fonte de riqueza, insistindo que a natureza é indispensável para qualquer forma de produção. Em suas palavras, o substrato (da produção) é fornecido pela natureza. “A terra é o grande laboratório, o arsenal, que fornece tanto o meio de trabalho quanto o material de trabalho”³, “Ao produzir, o homem [...] pode apenas alterar a forma das matérias. [...] Portanto, o trabalho não é a única fonte dos valores de uso que ele produz, a única fonte da riqueza material”. Como diz William Petty: o trabalho é o pai, e a terra é a mãe da riqueza material⁴.

Marx também antecipou e condenou muitos dos problemas que estão hoje no centro dos debates e do ativismo ecológicos, a começar pela insustentabilidade da agricultura capitalista, a insalubre separação entre cidade e campo, o rompimento da interdependência necessária entre processos biológicos e ecológicos, que garante nossa reprodução, e o subsequente esgotamento do solo⁵. Ele também

² Ibidem, p. 8 e cap. 1, “The Expropriation of Nature”, p. 35-63.

³ Karl Marx, *Grundrisse: Foundations of the Critique of Political Economy* (Londres, Pelican, 1973), p. 472 [ed. bras.: *Grundrisse – manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*, trad. Mario Duayer e Nêlio Schneider, São Paulo, Boitempo, 2011, p. 389].

⁴ Karl Marx, *Capital*, v. I (Londres, Penguin, 1990), p. 133-4 [ed. bras.: *O capital. Crítica da economia política*, Livro I: *O processo de produção do capital*, trad. Rubens Enderle, São Paulo, Boitempo, 2011, p. 120-1].

⁵ Como ele escreveu: “O modo de produção capitalista consome a ruptura do laço familiar original que unia a agricultura à manufatura e envolvia a forma infantilmente

reconheceu a existência de limites naturais ao desenvolvimento capitalista, que, em suas palavras, consistem (entre outros fatores, como “a simples influência das estações”) no “esgotamento dos bosques, das jazidas de carvão, das minas de ferro etc.”⁶.

Na obra de Marx – Bellamy Foster e Clark demonstram –, encontramos até uma denúncia precoce dos maus-tratos que o capitalismo inflige aos animais, impressionantemente profética das práticas atrozês às quais, para favorecer a produção de carne, os animais são submetidos na atualidade. Rejeitando a visão de que ele aderira a uma doutrina *especista* e enfatizando a influência, em sua obra, do materialismo epicurista, que ensinou que o sofrimento humano e o sofrimento animal estão estreitamente relacionados⁷, Bellamy Foster e Clark apontam a característica historicamente específica da visão de Marx sobre a relação humano-animal e a consciência dele sobre as formas pelas quais tal relação foi reformulada em sua época. Ele, por exemplo, teceu comentários sobre a tendência a adiantar o momento de abate dos animais e sobre a decisão de transformar corpos em pura carne, a fim de engordá-los além do que

175

rudimentar de ambas. Ao mesmo tempo, porém, ele cria os pressupostos materiais de uma nova síntese, superior, entre agricultura e indústria sobre a base de suas configurações antiteticamente desenvolvidas. Com a predominância sempre crescente da população urbana, amontoada em grandes centros pela produção capitalista, esta, por um lado, acumula a força motriz histórica da sociedade e, por outro lado, desvirtua o metabolismo entre o homem e a terra, isto é, o retorno ao solo daqueles elementos que lhe são constitutivos e foram consumidos pelo homem sob forma de alimentos e vestimentas, retorno que é a eterna condição natural da fertilidade permanente do solo. Com isso, ela destrói tanto a saúde física dos trabalhadores urbanos como a vida espiritual dos trabalhadores rurais”. *Ibidem*, p. 637 [p. 572-3].

⁶ Karl Marx, *Capital*, v. III (Londres, Penguin, 1981), p. 369 [ed. bras.: *O capital. Crítica da economia política*, Livro III: *O processo global da produção capitalista*, trad. Rubens Enderle, São Paulo, Boitempo, 2017, p. 299].

⁷ John Bellamy Foster e Brett Clark, *The Robbery of Nature and the Ecological Rift*, cit., p. 151.

seus ossos conseguiram suportar⁸ – um limite bastante ultrapassado nos dias de hoje por uma indústria da carne tão dessensibilizada em relação ao sofrimento animal que, do nascimento ao instante do abate, muitos animais nunca ficam de pé, chegando muitas vezes ao abatedouro com os ossos se quebrando sob o peso da gordura anormal, mas lucrativa⁹.

Então, concluem, Marx percebeu a guerra capitalista contra a natureza, denunciou-a e indicou a formação de uma sociedade socialista como a alternativa necessária. Assim, sua obra oferece uma base sólida para uma perspectiva ecológica.

Como afirmado anteriormente, esse argumento é bastante oportuno e, de fato, grande parte da obra de Marx o confirma¹⁰. Existem, no entanto, alguns aspectos da crítica de Marx à economia política

⁸ Karl Marx, *Capital*, v. II, p. 313 e 315 [ed. bras.: *O capital. Crítica da economia política*, Livro II: *O processo de circulação do capital*, trad. Rubens Enderle, São Paulo, Boitempo, 2014, p. 327 e 329]. Ao comentar os métodos pelos quais, tanto na criação de gado como na indústria, o período de trabalho necessário para produzir mercadorias acabadas estava sendo reduzido, Marx observa que “a necessidade de ter dinheiro em mãos sem que se possa esperar [...] responde a essa questão da seguinte forma: por exemplo, vende-se e abate-se o gado antes que ele tenha atingido a idade econômica normal, para grande prejuízo da agricultura [...]. Mediante uma cuidadosa seleção, Bakewell, um arrendatário de Dishley Grange, reduziu o esqueleto das ovelhas ao mínimo necessário”.

⁹ Sobre a crueldade infligida hoje aos animais para favorecer a produção de carne, ver Sunaura Taylor, *Beasts of Burden. Animal and Disability Liberation* (Nova York, New Press, 2017).

¹⁰ Marx escreveu, de forma memorável, que “todo progresso da agricultura capitalista é um progresso na arte de saquear não só o trabalhador, mas também o solo, pois cada progresso alcançado no aumento da fertilidade do solo por certo período é ao mesmo tempo um progresso no esgotamento das fontes duradouras dessa fertilidade. Quanto mais um país, como os Estados Unidos da América do Norte, tem na grande indústria o ponto de partida de seu desenvolvimento, tanto mais rápido se mostra esse processo de destruição”. Karl Marx, *Capital*, v. I, cit., p. 638 [ed. bras.: *O capital*, Livro I, cit., p. 573]. E, em uma nota de rodapé, acrescentou: “Ter analisado o aspecto negativo da agricultura moderna de um ponto de vista científico é um dos méritos imortais de Liebig”. *Ibidem*, nota 49 [nota 325].

que se contrapõem ao que seria considerada hoje uma perspectiva ecológica sólida. Três pressupostos de Marx são inconsistentes com uma postura ecológica e particularmente problemáticos para serem avaliados de um ponto de vista histórico posterior a mais de 150 anos de devastação capitalista da terra.

Primeiro, há a insistência de Marx na importância do capitalismo como uma fase histórica necessária cuja “missão histórica” é o “desenvolvimento das forças produtivas”, sendo esta, para ele, a condição para iniciar um processo revolucionário e a formação de uma sociedade comunista¹¹. Esse é, sem dúvida, um dos aspectos mais problemáticos da obra de Marx; porque é difícil compreender como alguém que pôde escrever “O segredo da acumulação primitiva” e descrever o horror do trabalho industrial poderia também falar sobre o desenvolvimento capitalista como via para um mundo melhor. Também é digno de nota que Marx nunca tenha levado em consideração “as perdas provavelmente irreversíveis inerentes a tal desenvolvimento”¹², como a de saberes acumulados ao longo de milênios. Voltarei a essa questão.

Aqui, desejo acrescentar que aquilo que Marx tinha em mente como “desenvolvimento das forças produtivas” também tem sido

¹¹ Karl Marx, *Capital*, v. III, cit., p. 368 [ed. bras.: *O capital*, Livro III, cit., p. 298]. Aqui Marx escreve que “o desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social é a missão histórica e a justificação do capital. É precisamente com esse desenvolvimento que o capital cria inconscientemente as condições materiais para uma forma superior de produção”. Marx retorna ao tema na p. 371 [p. 301]. Referindo-se ao modo de produção capitalista, ele diz que “sua missão histórica é o desenvolvimento implacável, em progressão geométrica, da produtividade do trabalho humano”.

¹² Jean Robert, “Production”, em Wolfgang Sachs (org.), *The Development Dictionary: A Guide to Knowledge as Power* (Londres, Zed, 1993), p. 184 [ed. bras.: “Produção”, em Wolfgang Sachs (org.), *Dicionário do desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder*, trad. Vera Lucia M. Joscelyne, Susana de Gyalokay, Jaime A. Clasen, Petrópolis, Vozes, 2000].

tema de debate. Um pressuposto comum é o de que ele se referia ao desenvolvimento dos meios de produção e, em especial, ao alcance de altos níveis de conhecimento científico e tecnológico. Como consequência, esse aspecto da teoria de Marx também suscitou algumas críticas, já que parece postular uma relação direta entre desenvolvimento tecnológico e desenvolvimento moral/político. Marxistas autonomistas (como Antonio Negri) sustentaram, entretanto, que por “forças produtivas” devemos compreender não a maquinaria, e sim as capacidades e os saberes de trabalhadores e trabalhadoras, conforme apresentados nos *Grundrisse* sob a categoria “intelecto geral”¹³. Em qualquer um dos casos, o certo é que ciência, tecnologia, industrialização e automação em larga escala exercem um papel-chave na concepção de Marx sobre a última fase do capitalismo. Prova disso são as famosas páginas dos *Grundrisse* em que ele descreve o futuro no qual a produção capitalista seria completamente automatizada e trabalhadores e trabalhadoras atuariam apenas na supervisão das máquinas. Nessa fase, nos é dito, o trabalho social necessário seria reduzido a um mínimo e, com o aumento do tempo livre, possibilitado pela economia do tempo de trabalho, trabalhadoras e trabalhadores estariam livres para desenvolver plenamente todas as suas forças criativas/produtivas¹⁴.

Em outra passagem, critiquei essa visão e o entusiasmo provocado entre setores da esquerda, argumentando que, mesmo que se concretizasse, essa seria uma utopia masculina, já que grande

¹³ Antonio Negri, *Marx beyond Marx: Lessons on the Grundrisse* (Nova York/Londres, Autonomedia/Pluto, 1991 [1979]) [ed. bras.: *Marx além de Marx – ciência da crise e da subversão*, trad. Bruno Cava, São Paulo, Autonomia Literária, 2016].

¹⁴ Karl Marx, *Grundrisse*, cit., p. 711-2 [ed. bras.: *Grundrisse*, cit., p. 590-3].

parte do trabalho de reprodução – sobretudo do trabalho de cuidado – não pode ser mecanizada. Neste capítulo, meu enfoque é nas consequências ecológicas dessa visão. Um mundo no qual todo trabalho necessário fosse realizado por máquinas seria um mundo onde, com o tempo, a Terra se tornaria desértica, ainda que no comando da nova sociedade não estivessem capitalistas em busca de lucro, e sim “produtores associados” não capitalistas que “regulem racionalmente esse seu metabolismo com a natureza”¹⁵; pois um processo de industrialização abrangente, mundial, exigiria necessariamente o uso de recursos não renováveis e o envenenamento da Terra.

Como sabemos, o grande poder industrial que Marx tanto admirava era movido a carvão e já naquela época, na Inglaterra, algumas vezes estavam se erguendo e reivindicando “ar, água e terra puros”. Na literatura, nomes do romantismo, como John Ruskin, manifestando-se sobre o perigo da poluição e a importância das árvores para a atmosfera, usaram palavras que hoje soam proféticas:

Vocês podem contaminar o ar com seus hábitos de vida e de morte, até onde quiserem. Poderiam facilmente contaminá-lo, até trazer tamanha epidemia ao globo que acabaria com todos vocês [...] por toda parte, o tempo todo, vocês o contaminam com emissões químicas asquerosas; e os horríveis covis, que vocês chamam de cidades, são pouco mais que laboratórios para a destilação de fumaças e odores venenosos céu adentro [...].

Em segundo lugar, o poder de vocês sobre a chuva e as águas dos rios da terra infinita. Vocês podem levar chuva para onde quiserem, plantando com sabedoria e cultivando com esmero [...] ou podem continuar

¹⁵ Idem, *Capital*, v. III, cit., p. 959 [ed. bras.: *O capital*, Livro III, cit., p. 883].

fazendo como têm feito agora, transformar cada rio da Inglaterra em um esgoto público.¹⁶

180

Hoje, a profecia de Ruskin foi plenamente confirmada. Não só na Inglaterra, mas em todo o planeta, rios, lagos e mares foram transformados em esgotos em que produtos químicos, plásticos e milhões de toneladas de materiais tóxicos são despejados todos os dias. Em vez de criar as condições materiais para uma sociedade comunista, o capitalismo e a industrialização estão destruindo a Terra, colocando em dúvida até mesmo a continuidade da vida no planeta. Todavia, marxistas adotaram por tanto tempo a crença no desenvolvimento industrial que, como Bellamy Foster e Clark observam, mesmo em meio a uma catástrofe climática algumas pessoas olham para o desenvolvimento como inevitável, talvez porque ele acelere o processo por meio do qual o capitalismo cava sua própria sepultura¹⁷.

Devemos também reconsiderar a afirmação de Marx sobre os efeitos positivos da destruição de uma “pequena propriedade fundiária” e a concentração capitalista de terras, supostamente abrindo a porta para um sistema de produção agrícola mais avançado, racional¹⁸. O argumento dele, aí, é de que uma sociedade de camponeses e camponesas livres, independentes, vivendo dos produtos de seu trabalho, seria inevitavelmente uma sociedade

¹⁶ Citado por Jonathan Bate, *Romantic Ecology – Wordsworth and The Environmental Tradition* (Nova York, Routledge, 1991), p. 59-61.

¹⁷ Ver, sobre o tema, a crítica de Bellamy Foster e Clark ao “Novo socialismo prometeico”, em John Bellamy Foster e Brett Clark, *The Robbery of Nature and the Ecological Rift*, cit., p. 274-82.

¹⁸ Ver, em particular, Karl Marx, *Capital*, v. III, cit., “The Genesis of Capital Ground-Rent”, p. 938 e seg. [ed. bras.: *O capital*, Livro III, cit., cap. 47, “Gênese da renda fundiária capitalista”, p. 843-73].

atrasada, uma vez que a maioria da população precisaria estar envolvida na agricultura, devido à falta de investimento na terra e à baixa produtividade resultante do trabalho, sem sobrar tempo para outras atividades. Assim, ele insinua, a dissolução dessa sociedade não deveria ser lamentada, pois um mundo dominado por pequenos camponeses e camponesas, agricultores e agricultoras de subsistência, seria um mundo de indivíduos isolados, “bárbaros situados, em parte, à margem da sociedade, que combina toda a rusticidade das formações sociais primitivas com todos os tormentos e as misérias dos países civilizados”¹⁹.

Como justificar uma postura de desprezo e desvalorização tão impressionantes da vida camponesa, que foi o principal modo de existência da maioria da população do planeta antes do advento do capitalismo? E como conciliá-la com a crítica de Marx ao capitalismo, com a tendência deste a amontoar trabalhadores e trabalhadoras em cidades, quebrando, assim, a troca metabólica entre seres humanos e natureza?

Em parte, essa postura pode ser atribuída ao ideal social e humano de Marx, que é o desenvolvimento dos “indivíduos histórico-mundiais”, cujas capacidades e forças são aprimoradas ao longo de um processo de intercâmbio universal de acordo com o qual cada pessoa absorve/incorpora todas as realizações dos seres humanos planeta afora²⁰.

Devido a esse ideal, Marx, cuja formação intelectual e política foi profundamente moldada pela filosofia do Iluminismo, pôde

¹⁹ Ibidem, p. 949 [p. 873].

²⁰ Karl Marx e Friedrich Engels, *The German Ideology* (Nova York, International Publishers, 1988), p. 56 [ed. bras.: *A ideologia alemã*, trad. Luciano Cavini Martorano, Nélcio Schneider e Rubens Enderle, São Paulo, Boitempo, 2007, p. 38-9].

julgar como limitada uma vida dedicada ao cuidado do ambiente local e da produção local das lavouras. Mas a desvalorização da vida camponesa de pequena escala por parte dele também deve ser atribuída ao modo como subestimava o saber acumulado pelo campesinato – e por grupos caçadores e coletores ao longo do tempo – e idealizava a “ciência” como uma atividade intelectual, separada da vida no campo.

Na realidade, foi por meio de uma experimentação obstinada com a natureza que grupos caçadores e coletores domesticaram a maior parte das lavouras que nos alimentam. Tal experimentação possibilitou que as Primeiras Nações da América do Norte desenvolvessem, muito antes da colonização europeia, um sistema agrícola sofisticado, inventassem a hibridização e a seleção genética de sementes, aprendessem a proteger as lavouras das pragas sem o uso de pesticidas e, como consequência, produzissem centenas de variedades de milho, batata e outras culturas que, levadas para a Europa e a África, se tornaram a base alimentar dos dois continentes²¹.

Além disso, a agricultura camponesa nunca foi uma iniciativa isolada; ao contrário, como o próprio Marx reconheceu, sempre foi acompanhada por atividades comunais, frequentemente dedicadas à produção de excedentes a ser armazenados para segurança nas emergências. Esse era o caso das comunidades camponesas da Europa medieval, que administravam coletivamente as terras que

²¹ Sobre esse tema, ver Jack Weatherford, *Indian Givers – How the Indians of the Americas Transformed the World* (Nova York, Fawcett Columbine, 1988), principalmente cap. 4 e 5, “The Food Revolution” e “Indian Agricultural Technology”. Weatherford diz que essa ciência popular possibilitou um milagre agrícola como Machu Picchu, que foi resultado de uma cuidadosa adaptação de sementes às condições ambientais locais altamente variáveis no que diz respeito à exposição solar, aos ventos e aos níveis de umidade e aridez da terra. *Ibidem*, p. 59-63.

recebiam dos proprietários – em troca de trabalho – por meio de assembleias camponesas em que decidiam quais terrenos deixar em pousio, com quais culturas fazer a rotação, quando realizar a colheita ou a vindima, e assim por diante. Mesmo quando cultivavam lotes de terra individuais, os agricultores e as agricultoras de subsistência da Europa pré-capitalista se beneficiavam comunitariamente de práticas e saberes do ofício que lhes permitiam adequar a produção a suas necessidades e garantir a regeneração do solo. Tão fortes eram os laços comunais que uniam as camponesas e os camponeses “atrasados”, “bárbaros”, da Europa pré-capitalista que eles foram capazes de declarar guerra a quem os explorava²², organizando verdadeiras guerras camponesas, um feito que trabalhadoras e trabalhadores industriais ainda precisam realizar.

183

Os povos nativos da América do Norte também alcançaram, como sabemos, elevado grau de socialização, criando algumas das mais democráticas formas de vida comunal conhecidas antes do século XIX na Europa e nas Américas. Os sistemas sociais igualitários das populações aborígenes americanas eram tão inspiradores que viajantes que chegavam da Europa muitas vezes os descreveram como paraísos terrestres, e tais sistemas provavelmente influenciaram as noções de liberdade e democracia que se desenvolveram na Europa e nas colônias estadunidenses nos séculos XVIII e XIX²³.

Também podemos questionar se a agricultura de pequena escala seria uma receita para a “escassez”, como Marx sugeriu. Uma

²² Refiro-me aqui às grandes revoltas camponesas do século XV, como a Guerra dos Remensas, na Espanha, e a Guerra dos Camponeses da Alemanha.

²³ Ver William Brandon, *New Worlds for Old* (Athens, Ohio University Press, 1986). Com frequência se afirma que a organização social/política dos iroqueses inspirou a Constituição dos Estados Unidos.

história da agricultura de pequena escala nos diria, na verdade, que, quando as cidades estavam sofrendo com a fome, foi nas zonas rurais que se encontrou a comida; que, em épocas de crise alimentar, as pequenas hortas salvaram vidas. Em contrapartida, a destruição da pequena propriedade rural familiar, seja pelas mãos de proprietários rurais capitalistas, seja pela usurpação corporativa, é um dos desastres ecológicos e sociais de nossa época... Uma crise ecológica maior envolve a perda da confiança nos antigos métodos agrícolas, aperfeiçoados (como mencionado) por meio de um longo processo de adaptação a condições locais, e o surgimento de um campesinato dependente de técnicas e conhecimentos impostos por corporações agrícolas ou tão empobrecido pela expansão capitalista que a regeneração da terra não é mais uma de suas preocupações vitais²⁴.

Marx nunca previu tais desdobramentos nem cogitou quem seriam os sujeitos que provavelmente promoveriam a luta por uma agricultura diferente.

Já ecomarxistas da atualidade, como Paul Burkett, presumiram que a mão de obra assalariada seria a protagonista da luta por um sistema ecológico regenerador²⁵. Ainda assim, em nome da garantia de emprego, até hoje muitos sindicatos, bem como trabalhadores e trabalhadoras, se opõem a qualquer forma de regulação ecológica

²⁴ Escrevendo sobre esse tema, Anil Agarwal e Sunita Narain dizem que a expropriação de terras comunais de habitantes das aldeias, que começou com a colonização britânica, levou a uma alienação tão profunda em relação à terra que, “hoje, mesmo povos tribais que viveram em harmonia com as florestas por séculos estão tão alienados que pouco se arrependem de derrubar uma árvore para vendê-la por ninharia”. Anil Agarwal e Sunita Narain, “Towards Green Villages”, em Wolfgang Sachs (org.), *Global Ecology – A New Arena of Political Conflict* (Nova York, Bloomsbury Academic, 1993).

²⁵ Paul Burkett, *Marx and Nature: A Red and Green Perspective* (Nova York, St. Martin's, 1999).

e apoiam formas destrutivas de tecnologia, como o fraturamento hidráulico, apesar do perigo que representam para as comunidades em que a extração de petróleo acontece.

São as mulheres, sobretudo na América Latina, que hoje lideram a luta por um ambiente ecológico seguro; são elas que estão à frente da reprodução de suas famílias e conhecem bem as consequências do envenenamento da terra e das águas para o futuro de suas comunidades. Em oposição ao papel hegemônico do agronegócio e das sementes estéreis da Monsanto, elas praticam a seleção de sementes e criam bancos de sementes, retomando métodos tradicionais, como o multicultivo, que aumenta o teor de nitrogênio da terra, e a plantação de ervas que servem para proteger as lavouras de pragas, sem o uso de pesticidas.

185

Marx não pode ser acusado de não antecipar a imensa destrutividade do desenvolvimento capitalista. Impressionado com as forças desencadeadas pelo processo de industrialização, nitidamente convencido de que elas poderiam ser recanalizadas na direção de objetivos apropriados e confiante, devemos supor, de que o capitalismo logo entraria em uma crise terminal, ele oscila constantemente entre polos opostos, enfatizando ora a destrutividade, ora as possibilidades sem precedentes que acreditava que o desenvolvimento capitalista criaria para o futuro da humanidade.

Essa ambiguidade, entretanto, não pode ser a posição adotada por nós nem se justifica historicamente. A história do “desenvolvimento das forças produtivas” é a história da colonização, de ondas recorrentes de fome, do desaparecimento de milhares de espécies e de uma alienação crescente em relação ao mundo natural que está nos deixando insensíveis à catástrofe ecológica diante de nós e às práticas cruéis que marcam a produção de nossa vida cotidiana. Em

um mundo em que o alcance global do desenvolvimento capitalista assume a forma de extrativismo, perfuração de poços de petróleo, desmatamento, tudo isso produzindo deslocamentos populacionais em massa e uma crise climática que coloca em risco a vida no planeta, o que para Marx podia parecer uma possível via para a libertação talvez seja, para nós, um pesadelo histórico.